

3**Angola: um “retrato em branco e preto”**

[...] há tanta coisa em mim, tanta metralhadora, tanto morteiro, tanta horrível miséria.

(António Lobo Antunes, “Emília e uma noites”)¹⁶²

Um álbum de imagens estilhaçadas do período pós-colonial em Angola é traçado no décimo sexto romance de António Lobo Antunes, *Boa tarde às coisas aqui em baixo*¹⁶³. A independência de Angola, em 11 novembro de 1975, não assegurou a paz e a liberdade tão esperadas pela nação angolana. A professora Carmen Secco, ao refletir sobre esse momento histórico, menciona que foi:

Uma Angola, cuja Revolução que a tornou independente ignorou suas fissuras e diversidades culturais, impondo a ideologia marxista como único parâmetro para o país monolicamente imaginado. Uma Angola, na verdade, multifacetada, que a Independência não conseguiu unificar, acirrando, inclusive, desde os primeiros anos, ódios e dissidências ancestrais¹⁶⁴.

A Angola imaginada, entretanto, parecia adiada novamente, pois a esperança depositada na independência para a reconstrução de uma sociedade essencialmente africana deu espaço a um clima tenso de violência extremada, fazendo ressurgir no solo da *terra vermelha* dos musseques o antigo pânico, o “horror de um sonho”¹⁶⁵, a certeza de que o sofrimento vivenciado durante os treze anos de guerra colonial ainda estava longe de ter fim¹⁶⁶.

Uma terra devastada, pessoas mutiladas e marcadas pelas “cicatrizes dos canhões”¹⁶⁷ que as lentes do fotógrafo Sebastião Salgado no livro *África* e as cenas escritas por Lobo Antunes no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* captaram muito bem. Na escrita de Lobo Antunes, as cenas narradas deixam clara a idéia de derrocada como no trecho abaixo:

¹⁶² ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crônicas*: obra completa – Edição ne varietur. Lisboa: Dom Quixote, 2006, p. 218.

¹⁶³ O romance *Boa Tarde às Coisas Aqui em Baixo* é composto por prólogo, três livros e epílogo.

¹⁶⁴ SECCO, Carmen Lucia Tindó. “Riôseco_Memória de mar, memória de outras memórias...” In: *A Magia das Letras Africanas*. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora / Barroso Produções Editoriais, 2003, p. 79.

¹⁶⁵ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 19.

¹⁶⁶ Cf. os Anexos: fotos 1 (p. 94) e 2 (p. 95).

¹⁶⁷ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p.15.

– Esta era casa [...] ao abandono dos quintais, à piscina vazia em que os dentes de um soldado morto continuavam a crescer, [...] e uma chama instantânea, branca, vermelha, vermelha e branca, vermelha e negra, negra, galgou das fundações ao tecto, uma chama que diminuía e crescia respirava

fazendo tombar uns sobre os outros os parquês, as estantes, as aguarelas, as arcas, explodir a pólvora dos revólveres e das carabinas semeados em esconderijos de gavetas, um dos chapéus italianos, desprezado pelo fogo, bailou um momento e consumiu-se no ar [...] à medida que se escutavam as automáticas da polícia na Mutamba¹⁶⁸, nem frases nem gente, as automáticas da polícia na Mutamba [...] enquanto a cinza das paredes, dos soalhos e dos móveis caía devagar, as rajadas das patrulhas

– Alto alto [...]

– Esta era a casa

da fachada sem janelas nem varandas nem portas, tudo invadido pela erva, tudo afogado na erva, dos canteiros, da escada de mármore, do anjo com o seu esboço de lança, e pudéssemos regressar à Muxima.¹⁶⁹

A realidade crua e dolorosa que Sebastião Salgado registrou em suas fotografias auxilia-nos na leitura do romance de Lobo Antunes, pois também retratam pormenorizadamente o dilaceramento pós-colonial na sociedade angolana, como podemos visualizar nos anexos da dissertação, que apresentam photocópias das fotografias referentes somente a esse período de Angola¹⁷⁰.

que uma suspeita de vento ou um soluço de pavões
não existiam pavões, diante de tanta fome como existiram pavões?)

na fortaleza antiga nada a não ser a gente, o Seabra e eu e na janela a Mutamba, na Mutamba as crianças aleijadas, os pedintes, os cegos que surgiam dos prédios, a seguir às bazucas, disputando os cadáveres, eu quase com dó dele e do seu encargo sem fim, quase desejando que o empregado da garagem o distraísse com um balde de água suja e uma câmara-de-ar

[...] uma espécie de militares

o que eles designavam por militares ou seja bandos que se contradiziam, lutavam entre si a exigirem relógios, casacos, mochilas, os colchões em que os portugueses se deitavam entre cascas e lixo na sala de espera, não mencionando o hospital onde um único médico, de seringa perdida na mão, passeava entre cadáveres, [...] nos

¹⁶⁸ Mutamba – Bairro de Angola (Cf. os Anexos: foto 3 (p. 96). Largo da Mutamba - foto 4 (p. 97).

¹⁶⁹ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 15; 18; 20; 23.

¹⁷⁰ Enfatizamos que as photocópias exprimem somente a realidade de Angola, porque o fotógrafo Sebastião Salgado, a fim de registrar a atual condição do continente africano, estendeu sua viagem a outros países do continente como: Moçambique, Etiópia, Sudão, Chade, Ruanda, Namíbia, entre outros. Cabe ressaltar que a ligação do fotógrafo com a África é de longa data, pois “fez sua primeira reportagem no Níger, na década de 1970, e depois cobriu as guerras da independência de Angola, Moçambique e Sara espanhol”, conforme está descrito no seu livro *África*. Cf. os Anexos: fotos 5 (p. 98), 6 (p. 99), 7 (p. 100) e 8 (p. 101).

comboios niguém, as carroagens vazias, a cidade deserta, o muro destruído por uma granada de morteiro [...]¹⁷¹

São as imagens da destruição e da angústia geradas pela guerra civil que pairam sobre a antiga colônia portuguesa e que o romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* destaca:

eu com pena dele dado que amanhã ou depois ou não interessa o amarrão a um tronco com quatro balas em cruz, pena do seu medo porque tinha medo de Angola, medo de morrer, medo da guerra, medo da ruína da casa [...] esta terra vermelha, estas árvores sem nome, um resto de portugueses no seu sangue, não jipes na fazenda que não havia fazendas, acabaram-se as fazendas, havia miséria e fome e guerra e os portugueses substituídos por pretos agora, pretos das furnas dos musseques, ratos assustados, furtivos, [...] quando depois do que chamavam independência, isto é dos pretos a entrarem-lhes a porta e a roubarem-nos, isto é dos pretos a matarem-se uns aos outros, isto é dos pretos a transportarem sem desculpas, insultando-se, batendo-se, as mobílias, os fogões, as roupas, quando depois da independência, isto é de cantorias e batuques e lojas esventradas e os bancos desertos, [...]¹⁷²

É necessário ressaltar que as rivalidades políticas entre os angolanos eram uma realidade anterior à independência. Avistando o fim do colonialismo, com a proximidade de uma iminente revolução em Portugal, grupos políticos intensificaram o movimento anticolonialista e deram início à busca violenta pela centralização do poder na futura República Angolana, como está representado no romance *As naus*, quando o narrador descreve a violência em algumas regiões de Angola dias após o recebimento do anúncio da Revolução em Lisboa. Ainda em *As naus*, lemos a ficcionalização de consequências futuras em que o episódio político em Portugal resultaria tanto em Angola como nas demais antigas colônias portuguesas: o decreto da independência.

[...] desde que a telefonia anunciou a independência de Angola decretada por Sua Majestade, no rescaldo de um motim, durante as cortes de Lixboa, o odor do suor, da diarreia, do medo, quando colávamos em pânico os armários aos caixilhos porque daqui a nada uma coronha desventra o aparador, daqui a nada uma sapatilha esmaga o tapete a rir-se, daqui a nada o MPLA principia a disparar ao acaso e as nucas estoiram como figos numa pasta de carne branca e de grainhas vermelhas, [...]¹⁷³

¹⁷¹ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 117; 139.

¹⁷² *Ibidem*. p. 53; 138

¹⁷³ ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 15.

Com a independência de Angola, conflitos anteriores passaram a ser intensificados, adquirindo vigorosamente a oposição entre os integrantes do Movimento Popular de Libertação de Angola (**MPLA**), da Frente Nacional de Libertação de Angola (**FNLA**)¹⁷⁴ e União Nacional para a Independência Total de Angola (**UNITA**). “Retalhada, Angola teve o rosto desfigurado pela guerra travada entre a UNITA e o MPLA”¹⁷⁵, afirma Carmen Secco.

A linguagem direta de Lobo Antunes no romance *Boa Tarde às coisas aqui em baixo*, ao descrever o conturbado cotidiano pós-colonial dos angolanos, desvenda, completamente, as forças internas que o moviam, bem como a conveniente *cegueira* da comunidade internacional em relação à guerra civil angolana.

Como um álbum de retratos em “branco e preto”, o caos e a deteriorização de Angola formam o “mosaico narrativo”¹⁷⁶ desse romance que registra e denuncia os interesses políticos e as motivações econômicas que fomentaram a guerra civil por longas décadas. Apresentam-se, na trama do romance em questão, operações clandestinas determinantes para a construção de uma história pós-colonial marcada, sobretudo, pela continuada opressão à sociedade angolana, a partir das representações que compõem os discursos fragmentados, aglomerados e entrelaçados dos personagens. Estes discursos desvendam os meandros operacionais de um “Serviço” corrupto e violento existente desde os tempos coloniais, que alimentava, por exemplo, o comércio ilegal de diamantes fomentando o conflito civil entre os angolanos.

Temos, portanto, neste romance de Lobo Antunes, uma trama repleta de implicações determinantes para a compreensão do cenário pós-colonial das décadas de 1980 e 1990. Endereçado a aspectos muito pontuais, ocorridos sobretudo no Dondo¹⁷⁷ e na Lunda¹⁷⁸, como a exploração das minas de diamantes, os *arquivos* dos Agentes do “Serviço”, as tensões envolvendo integrantes da **FNLA**, da **UNITA** e do **MPLA**, operações ilícitas e a guerra civil são articulações centrais da narrativa. Elas oferecem o retrato de um território atravessado pela

¹⁷⁴ Cf. os Anexos: fotos 9 (p. 102) e 10 (p. 103).

¹⁷⁵ SECCO, Carmen Lucia Tindó. “Rioseco_Memória de mar, memória de outras memórias...” In: *A Magia das Letras Africanas*. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora / Barroso Produções Editoriais, 2003, p. 79.

¹⁷⁶ CASTELLO, José. “África, à beira da asfixia”. In: *Jornal OGlobo*. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2004, Caderno Prosa & Verso, p. 1.

¹⁷⁷ Dondo – Região de Angola, próxima ao distrito de Lunda.

¹⁷⁸ Lunda – Região de Angola, onde há jazidas de diamantes.

violência pós-colonial. Dentro desta perspectiva, podemos lembrar da indagação do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho quando questiona as formas pelas quais algumas antigas colônias portuguesas, especialmente Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, emergem enfraquecidas “por guerras coloniais longas e destrutivas”¹⁷⁹. Como “transportavam ainda um potencial de violência que lhes permitiu desenvolver novas guerras intestinas porventura mais longas e destrutivas, no caso de Angola e Moçambique”¹⁸⁰. Sobre Angola, Borges Coelho ainda acrescenta:

[...] em Angola, esse interregno nem chegou a existir uma vez que o conflito armado se desenvolveu praticamente sem interrupção entre os inícios da década de 1960 e os primeiros anos deste século.¹⁸¹

3.1 – Os estilhaços do pós-colonialismo

O hastear de novas bandeiras na constelação africana abriam, nessa altura, uma fresta de luz e anunciam o fechar de um ciclo de sofrimento. Essa promessa foi em Angola e Moçambique estilhaçada de encontro a processos posteriores de guerra civil. [...] Atravessam o seu próprio destino e debruçam-se, de novo, sobre a terra que espera pelo seu gesto vital como o barro espera pela chegada das mãos.

(“O Cristal e a Lágrima”, In: *África*)¹⁸²

afiançasse que não passeávamos nem meia através dos quarteiroes que a guerra destruirá [...] ela mostrando-me o que não havia da mesma forma que quase não havia Luanda, não havia Angola, não havia África, havia um segundo pássaro gordo a rasgar a farda de um segundo soldado morto [...] uma criança de muletas visto que todas as crianças [...] visto que todas as crianças usam muletas em Angola, [...]

(António Lobo Antunes, *Boa tarde às coisas aqui em baixo*¹⁸³)

A partir dos desdobramentos em torno das operações do “Serviço” criado por Lobo Antunes no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, que se

¹⁷⁹ COELHO, João Paulo Borges. “Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta”, p. 175. Disponível em <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/borges2003.pdf> Acesso em 18 de janeiro de 2008.

¹⁸⁰ *Ibidem*.

¹⁸¹ *Ibidem*.

¹⁸² “O Cristal e a Lágrima”. In: *África*. Köln: Taschen, 2007, p. 23.

¹⁸³ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 15-16; 18 – 19.

caracteriza, como qualquer serviço de inteligência, como a Pide ou o SNI¹⁸⁴, no Brasil, que tiveram de acomodar, em muitos casos, antigos membros de estruturas secretas, compreendemos de que forma as guerras pós-coloniais na África – especialmente Angola, que nos interessa – adquiriram dimensões internacionais no âmbito da Guerra Fria. Em meio às crianças mutiladas¹⁸⁵, os campos minados e as jazidas de diamantes, circulam forças políticas e militares estrangeiras secretas, determinantes para a continuação da guerra civil. No romance, o escritor parece promover um inventário de imagens da violência instalada em Angola:

um segundo soldado morto de bruços contra o dragão de uma estátua de arcanjo que fechava no punho a bainha da lança, havia o mar é claro e a ilha que a tropa do Governo ou os cubanos ou os mercenários franceses e belgas arrasaram, transformando as praias num baldio de miséria em que os cegos das minas se acocoravam sobre a franja da água na esperança de caranguejos que o gasóleo envenenou, [...]¹⁸⁶

A partir das considerações de Boaventura de Sousa Santos ao explicar o que ainda estava por vir ao continente africano, podemos entender o porquê da interferência internacional na guerra pós-colonial em Angola. O professor afirma que “a luta continua a ser por recursos naturais [...] e continua a ser musculada, com componentes econômicos, diplomáticos e militares.”¹⁸⁷

Eis o porquê da extensão da Guerra Fria aos campos angolanos. O **MPLA** era financiado pelos países comunistas e a **UNITA** pela **OTAN** (com forte atuação norte-americana) e África do Sul. Nesse sentido, Borges Coelho afirma que,

[...] (no caso de Angola e Moçambique), inscritos no contexto da problemática tardia da descolonização e daí que muitos consideraram como o “subsistema” da Guerra Fria na África Austral, que criou uma hostilidade crescente entre a Rodésia e a África do Sul (aliados tradicionais do Portugal colonial na região), por um lado, e os novos países africanos de tendência “oficialmente” socialista, por outro. No caso de Angola, este contexto levou à invasão do país por forças sul-africanas, ao envio de contingentes cubanos para a contrariar, em suma, ao prosseguimento de um conflito que, eivado de matrizes diversas, continuaria a fustigar violentamente o país.¹⁸⁸

¹⁸⁴ Serviço Nacional de Informação.

¹⁸⁵ Cf. os Anexos: fotos 11 (p. 104) e 12 (p. 105).

¹⁸⁶ *Ibidem*. p. 16 – 17.

¹⁸⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. “A partilha de África, I”, p.1. Disponível em <http://www.casadadasafricanas.org> e www.ces.uc.pt/opiniao/bss/185pt.php Acesso em 30 de novembro de 2007.

¹⁸⁸ COELHO, João Paulo Borges. “Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta”, p. 176. Disponível em <http://www.lusotopie.sciencespo.fr/borges2003.pdf> Acesso em 18 de janeiro de 2008.

Este aspecto fica mais claro se retomarmos um diálogo entre o diretor do “Serviço” e Miguéis em *Boa tarde às coisas aqui em baixo*:

e você resolveu-nos o assunto num hotel de Luanda que a guerra civil compreende, os sul-africanos, os de Cuba, todo esse exagero de canhões e bazucas, risos sem razão para risos, zangas sem razão de zangar, [...]¹⁸⁹

Ainda complementando o cenário internacional dos intervenientes na guerra civil em Angola, temos:

[...] as camionetas dos americanos esmagando o girassol [...] África não pessoas, capim, queimadas e capim, mata e capim, os túmulos dos colonos com as suas cruzes de madeira e as suas datas a navalha [...] os americanos a descerem das camionetas de faróis acesos apesar do dia de tal modo que podia pensar-se ser o solzinho de Lisboa nos vidros, [...] e quedando-se na loiça, na colcha até que o escuro o dissolva, dez ou onze americanos mãe vestidos conforme eu me vestia ao chegar a Luanda e um português a guiá-los, vi as espingardas, a metralhadora, as pistolas, os depósitos de gasolina que empilhavam no chão, não ocupados comigo, não falando comigo, falando entre si a rodearem a aldeia e a casa de maneira que [...]

os americanos sem necessidade de entender o que conheciam de sobra, um deles com o mapa do Serviço, outro com uma bazuca a tiracolo¹⁹⁰

O conflito civil em Angola se sustentou sob diversos ângulos econômicos, principalmente após 1994, quando a UNITA passou agir na clandestinidade contra o governo do MPLA, por não ter respeitado o acordo de Lusaka, assinado em prol da paz em Angola:

ratos de esgoto, ratos
 a conspirarem nos musseques, chegavam nos vagões de gado disfarçados de carregadores, agulheiros, serventes, víamo-los sumirem-se das sanzelas à tarde
 ratos
 surgiram de manhã nas bancas do mercado
 ratos
 juntarem-se, separarem-se, conversarem entre si em Kimbundo
 ratos
 espiarem à noite, pegados aos arbustos, só focinhos, só olhos
 focinhos e olhos de ratos, ratos [...]
 existe a poeira vermelha , crianças de muletas, as ruínas dos prédios onde passeiam os cegos, uma primeira rajada de martelos cravando pregos no escuro, mais pregos

¹⁸⁹ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 235.

¹⁹⁰ *Ibidem*. p. 354 – 355.

de uma segunda rajada nas paredes, nos canteiros, na varanda do primeiro andar em que os vidros ao tombarem¹⁹¹

Os esforços da **UNITA** pela manutenção da guerra civil muito nos remete ao conflito vivido por Serra Leoa na década de 1990, representado no filme *Diamantes de Sangue*, do diretor Edward Zwick, em 2006. Assim como no romance de Lobo Antunes, também no filme a guerra civil se alastrá pelas minas de diamantes.

O cenário do filme é Serra Leoa, massacrada pelos violentíssimos ataques dos rebeldes, o grupo de oposição ao governo – a **FRU** – Frente Revolucionária Unida –, que promovia a mutilação, a destruição das vilas e as emboscadas pelas estradas, empregando o horror de um ensinamento militar que transformavam meninos em soldados¹⁹², a partir de um treinamento à base de drogas e de muitas práticas assassinas entre as próprias crianças e as populações dos vilarejos de Serra Leoa.

Assim como a **UNITA**, a **FRU** em Serra Leoa agia clandestinamente, tendo como o seu maior suporte financeiro, para dar continuidade ao conflito civil, o contrabando de diamantes. O relatório da Global Witness registrara que, naquele caso, “os diamantes [eram] usados para comprar armas e financiar guerras”¹⁹³. Ainda segundo uma notícia publicada pela BBC Brasil, Angola viveu a mesma situação com os diamantes que Serra Leoa experimentaria mais tarde, ao registrar o apelo do então presidente de Angola:

José Eduardo Santos, pediu à comunidade internacional que pressione a Unita para que termine com a guerra civil [...] Ele disse ainda que a Bélgica concordou em monitorar o comércio ilegal de diamantes de Angola. Acredita-se que a Unita esteja financiando a guerra civil com o contrabando de diamantes.¹⁹⁴

As pedras de diamantes eram a moeda da vez na Angola de intensos conflitos:

o trilho a seguir ao rio, os jipes, o que restava da aldeia e teriam sido cubatas, hoje lixo, sem peso, misturando-se com madeixas de algodão que algo, não o vento, uma outra espécie de sopro [...]

¹⁹¹ *Ibidem*. p.65; 125.

¹⁹² Cf. os Anexos: foto 13 (p. 106).

¹⁹³ Conferir com o documento exibido no filme *Diamantes de Sangue*.

¹⁹⁴ Notícia intitulada: ONU: ‘Angola está à beira de uma catástrofe’. Disponível em www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2001/010620_angola.shtml Acesso em 21 de maio de 2007.

– Este rapaz é esperto ocultou os diamantes na bainha do cinto fechou o cinto com adesivo se chegar à fronteira
e não chega à fronteira¹⁹⁵

Em *Diamantes de sangue*, há uma cena semelhante: quando o personagem Danny Acher, interpretado por Leonardo DiCaprio, dirigia-se à fronteira de Serra Leoa com a Libéria e é rendido pela guarda do governo que encontra diamantes ilegais escondidos embaixo do couro das ovelhas que transportava. Uma cena anterior a esta, no filme, reproduz uma negociação entre o representante máximo da **FRU** e o intermediário contrabandista que adquiria os diamantes e concedia armamentos pesados em troca. Há um momento da trama em que o contrabandista parece não aceitar mais negociar por considerar pequeno o volume de diamantes que lhe estavam sendo pagos. É nesse instante que recebemos um dado de valor significativo na fala de Danny Acher que nos fará perceber que, em um estado de guerra civil, a corrupção se expande por todos os lados. Recuperamos, portanto o final do diálogo entre o contrabandista e o Comandante Zero – o representante da **FRU**:

Comandante Zero: É só o que vai receber!

Sr. Acher: Então, podem usar essas drogas de AK contra a tropa do governo e as novas armas deles.

Comandante Zero: Eu posso matar você e ficar com o que trouxe.

Sr. Acher: E vai conseguir mais um cadáver em vez de um avião de lançadores de granada. Acho que devia negociar com o governo. Pelo menos, o governo me paga.¹⁹⁶

Quando o personagem de Danny Archer diz que “devia negociar com o governo” nos fornece indícios de que a autoridade legal também cometia atos de ilegalidade ao buscar mais armamentos, comportamento também exercido pelo governo angolano no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, na cena que envolve o assassinato do tio da personagem Marina.

O tio de Marina era um português que desde os tempos coloniais estava em Angola enriquecendo. Ele parece ser o responsável pelo sumiço de diamantes procurados. A cena do crime nos dá uma amostra de uma das instâncias em que a guerra civil se pautava: comercializar os diamantes com outros pólos que não fossem os do governo resultava em morte. Tratava-se de uma rede complexa de

¹⁹⁵ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 376.

¹⁹⁶ Fragmentos extraídos do filme *Diamantes de Sangue*, de Edward Zwick, 2006.

ações ilícitas que se alargava por todos os lados políticos no contexto pós-colonial de Angola:

outrora com os seus marfins, os seus cristais, as suas faianças antigas e os seus luxos austriacos se amontoava numa desordem de pranchas e de azulejos rachados, ela tentando alcançar, sombra após sombra, o escritório no qual uma semana antes o tio à secretária, alongando os dedos tampo fora com cinco balas no peito, uma bala no pescoço e uma derradeira bala no malar, a congelá-lo para sempre numa espécie de ofensa ou de surpresa risonha, ela a destruí-lo como destruiu a

– Esta era a casa [...] ao átrio do escritório e no escritório o tio e o ajudante do tio, isto é o preto que trouxe da missão do Dondo, [...] o preto a olhá-los de espinguarda no ângulo do braço, explicando sem palavras

– Sabem que tive de matá-lo [...] a ir-se embora, sem pressa, no sentido do Palácio do Governo com as suas sentinelas patéticas a defenderem o portão que não havia, a ir-se embora [...]¹⁹⁷

A partir do sumiço de algumas pedras de diamantes que resultaram no assassinato do tio de Marina, o que

[...] queria ser o dono de Angola não queria, dos antigos soldados portugueses, dos mercenários, dos pretos, ser mais que um fazendeiro de tabaco em Dala-Samba, um bailundo entre bailundos, um mestiço, queria ser dono de si, [...]¹⁹⁸

A partir daí, começa a história do “Serviço” no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Assim como o personagem do Sr. Acher no filme *Diamantes de sangue*, era o contrabandista que dava início a uma rede de operações ilícitas financiadas por diversos países como Inglaterra, África do Sul e os Estados Unidos. Os agentes do “Serviço”, no romance de Lobo Antunes, são também os intermediários de uma rede de operações ilícitas que encontrarão no fim do percurso ilegal dos diamantes angolanos os mesmos financiadores internacionais.

A partir do sumiço dos diamantes, o “Serviço” envia a Angola sucessivos agentes a fim de investigar o paradeiro das pedras. O “Serviço” é uma organização clandestina, localizada em Lisboa que, sob a falsa aparência de uma empresa legal de exportação, efetua em Angola operações ilícitas por meio dos seus agentes, assim como a Tiara do filme *Diamantes de sangue*:

num prédio de consultórios e de firmas quase no centro de Lisboa
 (o **Serviço uma firma** também
 - Temos de passar despercebidos

¹⁹⁷ *Ibidem*. p. 19 - 20.

¹⁹⁸ *Ibidem*. p. 133.

explicou o tenente-coronel
 e exportávamos compotas, os dossiers devem estar por aí [...]
 – Ora aqui temos Luanda senhores [...]
 [...] com as mudanças no Governo o Serviço não existe, nunca existiu, uma simples repartição do ministério senhores, uma administraçōzita perdida, que calúnia os diamantes, esses que os inspectores afirmam serem agentes nem nós sabemos onde estão senhores, não trabalhavam connosco, encarragávamo-los de quando em quando, por esmola, de uma visita ou outra, não negamos que em África mas exportações de artesanato, compotas, por azar nosso não podem testemunhar porque com os desvairos de Angola e as guerras dos pretos dizem-nos da embaixada que faleceram com essas doenças lá deles, [...]¹⁹⁹

Tinham de passar “despercebidos” como enfatizou o tenente-coronel, porque as operações que envolviam os diamantes eram ilegais sob dois aspectos: a extração de diamantes era realizada por meio do trabalho escravo que a UNITA conduzia e com o produto desta exploração financiava as suas ações criminosas:

os anéis de pedras de tinta que emendei várias vezes, não se desvaneceram por enquanto e há-de tirar-mos mal acabe o que seu director chama trabalho, o que seu tenente-coronel lhe assegurou tratar-se de um encargo de principiante Seabra, três ou quatro dias no máximo, resolve o problema, toma o avião, entra-nos no Serviço
 – Já está
 e ponto, parágrafo, fim de texto, Kaput, os pretos contentes porque se contentam com pouco
 ratos
 o ministro contente com o contentamento deles, depois mais tarde se for necessário [...] varrer por uma questão de brio profissional, não de higiene
 os vestígios que porventura deixarmos, [...]²⁰⁰

Essa organização clandestina, o “Serviço”, sob a aparência de uma empresa de exportação atraía portugueses que estivessem à procura de trabalho. Quando lá chegavam, eram arbitrariamente alistados sendo transformados nos Agentes do “Serviço”. Como aconteceu com os portugueses Seabra e Miguéis, personagens do romance:

- O seu nome foi-nos recomendado de cima Seabra [...]
- Umas feriazinhas em Angola calcule a inveja dos seus colegas Seabra [...]
- O seu nome foi-nos recomendado de cima Miguéis igualmente obrigado a avançar, mugindo de pavor, por trapos coloridos de reproduções de telefonemas, diagramas, formas geométricas pentágonos, triângulos a que chamam quartel, ministério, polícia
- Ora aqui temos Luanda [...]

¹⁹⁹ ANTUNES, António Lobo. *Boa Tarde às Coisas Aqui em Baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 28-29; 252. (Grifos nossos)

²⁰⁰ *Ibidem*. p. 192 – 193.

– Distraído Miguéis? [...]²⁰¹

A imposição para se pertencer à organização é uma coação insignificante diante das criminosas ações de assassinato e contrabando promovidas pelo “Serviço” no território africano. Por meio dos discursos de Seabra, de Miguéis, do tenente-coronel, do diretor e de Marina, personagens da narrativa, tais procedimentos criminosos são evidenciados. Haja vista o destino de Seabra que, de agente, passou a alvo do “Serviço” ao não cumprir, após anos de dedicação, as diretrizes impostas pela organização em relação às negociações dos diamantes desaparecidos.

Seabra, enviado a Angola com a missão de levar os diamantes para Lisboa, não cumpriu a determinação do “Serviço” e de Angola não saiu mais. A longa convivência com a difícil realidade pós-colonial angolana, com os africanos e, sobretudo, com Marina induziu a atitude de Seabra em retroceder no “Serviço” que, assim, monta uma investigação, enviando um outro agente para recuperar as pedras preciosas de Seabra e para assassiná-lo. Miguéis é o Agente que decidirá se Seabra terá o mesmo fim que outros alvos tiveram em África por determinação desta organização clandestina:

– Senhor Miguéis [...]

amigo Miguéis

trata-se de chegar a Angola para um trabalhinho simples, uma questão de rotina, três ou quatro dias no máximo a fim de limpar os restos

(não sei se me faço entender mas com a sua experiência faço-me entender de certeza, levamos tanto tempo aqui, os anos voam, voam) [...]

levamos tanto tempo a moer os ossos aqui para alimentar o país dos diamantes que conseguimos que os pretos e os americanos não levem, onde é que eu ia já sei [...]

uma questão de rotina, três ou quatro dias no máximo a fim de limpar os restos que um colega seu

um rapaz sem experiência, bom rapaz mas sem experiência

foi deixando por África e o primeiro resto a limpar é ele mesmo numa fazenda de girassol e algodão a cinquenta ou sessenta quilômetros de Luanda, ele mesmo, uns documentozitos que poderiam maçar-nos e os diamantes é claro que não recebemos ainda [...]

comunica-lhe os pormenores, o nome do alvo

um emplastro que nunca devíamos ter aceite no Serviço mas quem não comete erros [...] o nome do alvo Seabra, [...]²⁰²

²⁰¹ *Ibidem*. p.30; 32.

²⁰² *Ibidem*. p. 215-216.

Para Seabra, não havia nenhuma surpresa quanto ao procedimento adotado pelo “Serviço” em relação a ele. O próprio personagem comunica previamente ao leitor, no primeiro livro de *Boa Tarde às Coisas Aqui em Baixo* os acontecimentos que o aguardavam:

– A Luanda meter na ordem um sujeito que anda a prejudicar o Serviço uma questão de três dias quatro dias no máximo
o meu olho peludo, a minha cauda, o meu chifre, um dos joelhos que me custa a dobrar, o director documentos que ondulam, estremecem [...] suponho que uma destas noites me visitarão, um segundo toiro idêntico a mim [...] eu assistindo à vinda do Miguéis sem me levantar sequer, [...]²⁰³

Miguéis parte para Angola e a rede das ações do “Serviço” começa a ser desvendada na narrativa. Desempenhando uma importante função na narrativa, Miguéis se torna uma das mais importantes e evidentes representações do indivíduo contemporâneo que convive com a conturbação que a realidade lhe apresenta, dilema vivido na narrativa de Lobo Antunes pelos portugueses diante da realidade imposta na devastada Angola pós-colonial:

e por não ter quem me aconselhasse aprendi à minha custa
a gente nasce inocentes e à pala da inocência leva cada bofetada da vida que até andamos de lado uma vez que metendo-nos nisto com delicadeza e bons modos cedo ou tarde
mais cedo que tarde
recebemos um coice no focinho que a única solução é encomendar o enterro [...]²⁰⁴

Apesar de um suposto sentimento de culpa e de revolta, Miguéis segue no “Serviço” por décadas e, diferentemente de Seabra, cumpre as ordens que lhe são enviadas. Miguéis enfatiza que as realiza por causa da filha. A menina, desde criança, apresentava saúde deficiente e necessitava de cuidados dispendiosos. Este era o argumento privado, segundo o qual ele não poderia abandonar o “Serviço”:

de costas para mim no Montijo não por me desprezar, para poupar-me ovê-la, ciente de que era por ela, não pelo Serviço, que eu em África agora, o pai cumpre até ao fim o que lhe exigem que faça, o pai meditando em acender uma fogueirita com as traves da varanda [...] quando a visitei no domingo antes de partir para Angola, de roupa pendurada não da cintura, dos ossos e os ossos pendurados uns dos outros por cordéis de tendões [...] igual aos fantoches que encontrei em Luanda

²⁰³ *Ibidem.* p. 32.

²⁰⁴ *Ibidem.* p. 201.

agachados na areia e eu sem poder ajudar-te, eu em África não pelo Serviço filha, por ti, [...]²⁰⁵

Em relação ao “Serviço”, é necessário mencionar que a exploração das jazidas de pedras preciosas não surgiu com a descolonização. A rota do contrabando existe desde o tempo em que os portugueses eram os colonizadores de Angola, como está registrado no romance *As nau*s por meio das atividades comerciais executadas por Manoel de Sousa de Sepúlveda com o auxílio dos integrantes da **PIDE**.

Os relatórios históricos acerca da economia portuguesa comprovam que o governo português muito se beneficiou com as riquezas da *terra vermelha*²⁰⁶, como dominadores absolutos. As altas movimentações de dólares realizadas por Portugal a partir dos recursos naturais que extraía, principalmente, de Angola e de Moçambique estão bem explicitados nos relatórios do Professor-Historiador Kenneth Maxwell, em *O Império Derrotado*:

Em 1973 esses ganhos representavam nada menos que 5% do Produto Nacional Bruto, cerca de 540 milhões de dólares. Todo o algodão de Moçambique e 99,7% de seu açúcar eram exportados para Portugal, a preços bem inferiores aos mundiais. Ao mesmo tempo, os salários dos mineiros moçambicanos que trabalhavam na África do Sul eram convertidos em remessas de ouro para Lisboa – efetivamente, um subsídio oculto para o esforço de guerra português, pois, o ouro era avaliado pela taxa oficial de 42,20 dólares a onça, em vez de pelo preço no mercado mundial, que aumentou para quase duzentos dólares a onça em 1974. Nos três anos anteriores ao golpe, o valor oficial desse ouro foi de no mínimo 180 milhões de dólares.²⁰⁷

O suporte econômico advindo do comércio dos produtos africanos foi um dos fatores determinantes para que Portugal titubeasse na negociação da independência angolana. A descolonização iminente e incontornável deveu-se, principalmente, à defasagem do contingente militar português em Lisboa e na África, bem como ao alto custo das guerras coloniais, geradoras de elevados déficits na economia portuguesa apesar do capital advindo das colônias, aos intensos e combativos movimentos políticos em Angola pela independência, nos conflitos políticos herdados pela Revolução dos Cravos e na pressão da

²⁰⁵ *Ibidem.* p. 331; 343.

²⁰⁶ Terra vermelha – Metáfora que corresponde a Angola.

²⁰⁷ MAXWELL, Kenneth. *O Império Derrotado: revolução e democracia em Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 139-140.

Comunidade Internacional para o fim de um ultrapassado Império. Estas são algumas das questões determinantes que tornaram a África portuguesa *livre* da colonização.

Enquanto no período colonial a extração dos produtos naturais de Angola rendia legalmente altos recursos a Portugal, já na época pós-colonial a exploração destes produtos implicava em ilegalidade para os portugueses e para os angolanos, por estarem diretamente relacionados com uma nova dimensão política que se afigurava no cenário angolano de consequências fatais e desastrosas para Angola – a guerra civil.

3.2 – A fragmentada identidade de uma nação independente

me exibia um balde de água suja onde se reflectia, em mil pedaços, a minha cara estilhaçada.

(António Lobo Antunes, *Boa tarde às coisas aqui em baixo*)²⁰⁸

Com a realidade da guerra civil, o vazio e a depressão da sociedade angolana foram agravados, resultando em uma nação desfigurada, manchada pela opressão de tantos séculos de dominação colonial e anos de violência interna, como nos diz uma das vozes narrativas no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*:

a gente não existe pai, a gente não somos, não são pessoas sequer, o que se espera dos pretos, o irmão dele, por exemplo, quando lhe morreu a mãe em lugar de chorá-la quebrou-lhe o leque da palma e fechou o armazém não por desgosto, por preguiça, para ganhar um feriado, não armou um velório, não convidou os vizinhos, não respeitou a defunta [...]²⁰⁹

As referências de identificação angolana tinham se esvaído com as explosões das minas nos musseques, nas estradas e com a exploração dos seus cidadãos. A opressão colonial, suportada por séculos pelos angolanos, parece não ter abrandado a ambição de uma minoria que passou a deter o poder. Os que antes se diziam contrários à agressividade do governo português, passaram a adotar, por

²⁰⁸ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 106.

²⁰⁹ *Ibidem*. p. 111.

décadas, procedimentos políticos e militares que transformaram a vida cotidiana em Angola praticamente insustentável, remetendo-nos, desse modo, às imagens do medo e da angústia geradas nos tempos da guerra colonial: “[...] era o horror de um sonho, um pânico antigo que voltava”²¹⁰, relata Marina, ao rememorar os assassinatos cometidos contra a sua família por causa dos diamantes.

Com o fim da guerra civil, o comércio ilegal de diamantes não se extinguiu, mas deu lugar a uma *nova partilha* que preanunciava para o século XXI uma Angola promovida pela exploração do petróleo:

[...] e o meu pai e o senhor estrangeiro não ouviram ocupados a falarem de petróleo [...] enquanto discutia com o caro almirante e o senhor estrangeiro palavras complicadas que eu não comprehendia e no meio do que comprehendi diamantes mas não comprehendi comissões e perguntei ao meu pai o que são comissões [...]²¹¹

Trata-se, portanto, de uma nova forma de exploração contando com a participação dos velhos protagonistas, como afirma Boaventura de Sousa Santos

Para além dos velhos países europeus, a partilha inclui agora os EUA, a China, outros países “emerentes” Tragicamente como antes, é bem possível que a grande maioria dos povos africanos pouco beneficie da exploração escandalosamente lucrativa dos seus recursos”. [...] O que choca é que, paredes meia com o mundo da renda petrolífera, viva a grande maioria da população de Luanda na mais abjeta miséria dos musseques em barracas de zinco e cartão, sem luz nem saneamento, pagando caro pela água potável, com lixeiras e esgotos pestilentes servindo de recreio às crianças cuja mortalidade é das mais altas do continente.²¹²

Concordamos com as declarações do professor quando afirma que dificilmente será a nação africana a maior beneficiada nessa mais recente distribuição de riquezas. O povo angolano, afinal, associado a “um cheiro esquisito”²¹³, pode ser, na visão do homem português que Lobo Antunes representa em sua ficção, aproveitado “para servir à mesa”²¹⁴.

²¹⁰ *Ibidem*. p. 19.

²¹¹ *Ibidem*. p. 563; 565.

²¹² SANTOS, Boaventura de Sousa. “A partilha de África, I”, p. 2. Disponível em <http://www.casadadasafricanas.org> e www.ces.uc.pt/opiniao/bss/185pt.php Acesso em 30 de novembro de 2007.

²¹³ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 563.

²¹⁴ *Ibidem*.